

O DOMÍNIO DE TAMERLÃO: uma revisão

Damare Bastos Pinheiro*

RESUMO: Este ensaio tem como propósito revisar a dissertação de Mestrado intitulada “*O Domínio de Tamerlão: Os efeitos dos presságios aceleracionistas em Marx*”, concluída no ano de 2020. A dissertação objetivava compreender a corrente de pensamento *aceleracionista*, buscando conhecer seu surgimento, fundamentos filosóficos e reverberações políticas. Ao mesmo tempo, apesar desse curto período desde sua produção, há aqui um gesto singelo de refletir as escolhas de desenvolvimento, os engajamentos e os percursos da escrita.

Palavras-chave: dissertação, aceleracionismo, revisão.

ABSTRACT: This essay aim to revisit the Master dissertation titled “*O Domínio de Tamerlão: Os efeitos dos presságios aceleracionistas em Marx*” (The Domain of Tamerlane: The effects of accelerationists omens on Marx), concluded in 2020. The dissertation was motivated by the intend to comprehend the accelerationist current of thought, seeking to know the emmergence, the philosophical fundaments and politicals reverberations. At the same time, despite this short period of time since the dissertation search and realization, there is here a modest gest to reflect the development choices, the engagements and the report course.

Keywords: dissertation, accelerationism, revisiting.

* Mestra em Filosofia pelo Departamento de Filosofia da Universidade de Brasília.

Por quê revisitar? Pensar em revisitação também é recordar, é trazer à memória, também conservar, reexaminar, ressignificar. A dissertação tinha como interesse de pesquisa investigar a corrente de pensamento aceleracionista, seu contexto de surgimento e uma possibilidade de relação de Marx como capital, os vestígios que ele vai deixando e seus desdobramentos. Essa caminhada de compreensão, contudo, iniciou-se muito antes do Mestrado e a relação com ela foi bastante ambígua, lembro-me de algumas conversas com Hilan ao longo dessa jornada em que ora me pensava aceleracionista e ora repudiava – ora, ainda, me sentia imensamente perdida e confusa. Além disso, não havia muitas informações e o acesso ao pouco referencial era bastante restrito no período, por isso sem a ajuda de Hilan não teria sido possível desenvolver esse trabalho, sou muito grata pela ajuda, pelas conversas, por sua criatividade e sugestões de saídas sagazes e componentes curriculares que traziam diversos outros aspectos possíveis para pensar esse debate.

A comunidade anarchaica também colaborou muito durante esse percurso, ali ouvia pontos e contrapontos fundamentais para pensar essa corrente de forma crítica – Alice de Barros Gabriel, Elzahrã Mohamed Radwan Omar Osman, Gigliola Mendes, Pedro Farias Mentor, Carlos Henrique Carvalho, Barbara de Barros, Bianca de Oliveira Corrêa, Gabrielle Patrícia Augusta Corrêa de Oliveira e a querida Fran Demétrio. O grupo de leitura de *Calibã e a bruxa: mulheres, corpos e acumulação primitiva* (de Silvia Federici) é um marco para mim e exerceu uma forte influência na forma de pensar. E a banca de qualificação e de defesa que me ajudou e apontou caminhos para sanar minhas dúvidas – Ondina Pena, Edmilson Paraná e Jean-Pierre Caron.

O aceleracionismo aparece a mim como um visitante atemporal (do futuro, do passado e do presente) já no momento em que iniciei meu curso de Graduação em Filosofia, quando conheci Hilan Bensusan e em uma das referências bibliográficas de sua disciplina – “*Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins*” (2014), de Deborah Danowski e Eduardo Viveiros de Castro – estava ali o termo *aceleracionismo*, me chamando, instigando, provocando.

Esse talvez seja um bom ponto de partida aliás, do encontro com esse visitante, para depois retomar a revisitação da dissertação. Viveiros de Castro e Danowski em diversos momentos de seu livro estão a mostrar um aceleracionismo de esquerda e que o fundamento dessa corrente é Marx, vemos isto, por exemplo, em frases que afirmam esta corrente como “*encarnação contemporânea da filosofia marxista (lato sensu) da história*” (DANOWSKI;

CASTRO, 2014, p. 72) e “autêntico herdeiro do velho espírito da Esquerda” (DANOWSKI; CASTRO, 2014, p. 73)¹. A base da crítica dos autores é o teórico marxista Benjamin Noys, que identifica o fundamento marxista da corrente e alerta para não esquecermos de que se tratam de “heresias marxistas”(NOYS, 2010, pp. 5 e 7) (NOYS, 2014, “Heretics of Marx”, Introduction).

Por isso a dissertação leva já em seu título, sugestão de Hilan, o vestígio de um comentário e referência poética à Goethe feita por Marx (o Domínio de Tamerlão) que aponta uma tônica da corrente:

A Inglaterra, é verdade, ao causar uma revolução social no Indostão estava movida pelos interesses mais vis e era estúpida na sua maneira de os impor. Mas não é disso que se trata. A questão é: pode a humanidade cumprir o seu destino sem uma revolução fundamental no estádio social da Ásia? Se não, quaisquer que possam ter sido os crimes da Inglaterra, ela foi o instrumento inconsciente da história ao provocar essa revolução.

Neste caso, qualquer que seja o azedume que o espectáculo do desmoronamento de um mundo antigo possa trazer aos nossos sentimentos pessoais, temos o direito, do ponto de vista da história, de excluir com Goethe:

Sollte diese Qual uns quälen

Da sie unsre Lust vermehrt,

Hat nicht Myriaden Seelen

Timur's Herrschaft aufgezehrt?

(Deverá atormentar-nos este tormento; Que aumenta nosso prazer? Não consumiram tantas almas; O domínio de Tamerlão?)(MARX, 1953)

O exergo apresenta também diversos fragmentos de textos de Marx que parecem pressagiar esta corrente. O Capital, ao passo que é analisado criticamente, é visto como um agente revolucionário, uma etapa final de um processo revolucionário, o construtor de um mundo novo e também de futuro, uma pré-condição do ato evolutivo da história humana, um agente emancipador das forças produtivas, e ainda que tenha uma natureza destrutiva, também possui uma natureza regenerativa. Além disso, outras características encontradas em Marx nos permitem pensar essa abertura aceleracionista como uma negação de um

¹ É preciso dizer também que esse aceleracionismo de esquerda que os autores investem críticas é especialmente o *Manifesto por uma Política Aceleracionista* (2013), dos autores Nick Snircek e Alex Williams, apesar de Mark Fisher, Nick Land, Ian Hamilton Grant, Ray Bressier, Gilles Deleuze e Félix Guattari serem citados não há um aprofundamento.

passado edílico, a estratégia de tirar a solução de dentro do próprio capital e a possibilidade de instrumentalizar o capital. Ao mesmo tempo, o exergo é como uma retroalimentação após a leitura aceleracionista, porque é com Marx que nos deparamos a todo instante quando lemos os textos aceleracionistas da década de 1970 – *A Troca Simbólica e Morte* (1976), de Jean Baudrillard, *Economia Libidinal* (1974), de Jean-François Lyotard, *O Anti-Édipo: Capitalismo e esquizofrenia* (1972), de Gilles Deleuze e Félix Guattari, e *A Dialética do Sexo: um estudo da Revolução Feminista* (1970) –, como vemos das diversas citações, notas de rodapé e o engajamento com seus conceitos.

Aliás, o termo *retroalimentação* é bastante oportuno, pois reverbera na escolha pela divisão da dissertação em duas partes, em que a primeira se volta aos textos acima indicados e a segunda se volta à produção teórico-ficcional da Cybernetic Culture Research Unit (CCRU, Unidade de Pesquisa de Cultura Cibernética, em tradução livre) – como simbiose. Essa retroalimentação é percebida pela forma com que os textos acima, com exceção de Firestone, influenciam a CCRU e pela forma que são lidos por esta unidade.

A adição de Firestone na composição do "cânone aceleracionista" - que de forma afetuosa tenho chamado de "quarteto fantástico" - não é por acaso. Apesar de não estar presente nas fontes da CCRU, é consequência do próprio reconhecimento da tendência aceleracionista – assim a primeira vez que é identificada permite que a identifiquemos outras vezes. Podemos ver a retroalimentação de seu pensamento no *Manifesto Xenofeminista* (2014), do grupo cyberfeminista LaboriaCuboniks e de cunho aceleracionista de esquerda e feminista – que pensa a tecnologia e a alienação como vias emancipadoras –, em que é uma das principais influências, e em como lemos Firestone diferente após o contato com este manifesto.

Helen Hester, em *Xenofeminism* (2018), mostra a importância de Firestone para o manifesto, também a influência da CCRU (mais em torno de Plant) e de outras teóricas e coletivos feministas (HESTER, 2018, nota de rodapé nº 2, Introduction). A obra de Firestone também é retroalimentada na coletânea de fragmentos aceleracionistas *Accelerate: The Accelerate Reader* (2014) como uma predecessora em uma genealogia da corrente, e nas epígrafes ela aparece logo após Marx e antes de *Cyberpositive* (de Plant e Land) e do *Manifesto por uma Política Aceleracionista* (Williams e Srnicek)(MACKAY, 2014) – o que é interessante, já que nos acostumamos a ver e pensar tal corrente a partir de duas frases

emblemáticas do Simpósio Aceleracionista de 2010, uma de Nick Land e a mais marcante do *Anti-Édipo*. Cito o fragmento firestoniano, a partir da tradução brasileira, para apreciação:

E assim como a dissolução das distintas classes sexuais, raciais e econômicas é uma pré-condição para a revolução respectivamente sexual, racial ou econômica, assim a dissolução da cultura estética com a tecnológica é a pré-condição para uma revolução cultural. (FIRESTONE, 1996, p. 203)

Sobre não ser uma fonte para a CCRU, Susanna Paasonen nos oferece uma possível resposta (PINHEIRO, 2020, p. 26), que se encontra na forma diferente em como a unidade e a teórica enxergam a questão técnica. A CCRU entende a tecnologia como um fluxo capaz de transformação social e fator na elaboração de identidades subjetivas, acrescentando reflexões sobre certa autonomia das máquinas às noções de natureza e cultura, assim incluindo a questão técnica – e por isso a maior proximidade com os pensamentos de Deleuze e Guattari e Donna Haraway, que teorizam as interações humano-maquínica e natureza-máquina –; enquanto que Firestone entende a tecnologia como um instrumento emancipador, sem descartar a técnica como fator revolucionário na caminhada humana, como lembra ao analisar o Modo Tecnológico, mas sempre moderado pelo “sistema de segurança humano” (para usar a terminologia da CCRU).

A própria história envolvendo a cunhagem do termo *aceleracionismo* é uma retroalimentação em torno da CCRU, pois o que mobiliza Noys a nomear (de forma pejorativa, frisa-se) esta corrente e a investigar seus fundamentos, é o texto de Williams sobre a crise dos anos de 2007/2008 (*Xenoeconomics and Capital Unbound*), coautor (ao lado de Snircek) do *Manifesto por uma Política Aceleracionista*, lançado no segundo Simpósio Aceleracionista (2013), que pela via de uma esquerda aceleracionista pensa formas de apropriação da plataforma tecnológica do capital em prol da classe tecnoproletariada – Williams e Snircek eram membros da CCRU. Noys, inclusive, esteve presente nas três edições destes simpósios (ocorridos nos anos de 2010, 2013 e 2014), onde lançou seus livros sobre a corrente, e mantendo o tom crítico em oposição à Williams, Snircek e Mark Fisher – outro ex-membro da CCRU.

Para Noys a questão aceleracionista se desenrola, principalmente em torno de Deleuze e Land, a quem vai dirigindo mais sua crítica². Em seu diagnóstico desta corrente, o problema central é a retirada da negatividade da noção de dialética, cuja consequência é a derrogação de qualquer resistência ao capital e a reafirmação do capitalismo, tendo em vista que a perspectiva de não haver mais contradições no sistema capitalista e que a possibilidade de saída é pela própria aceleração das forças capitalistas. Mas outros fatores podem ser acrescentados a esse quadro problemático, como o enfraquecimento do pensamento e da noção de crítica, o retorno à imanência, a reavaliação da noção de alienação de um ponto de vista positivo, a perspectiva de não haver contradições, a resistência se faz pela via da diferença e há uma suspeita sobre o absoluto, o universal e o transcendental. Assim, Noys traça uma tendência radical nesta corrente e caracterizada politicamente sob o mote “quanto pior, melhor”.

O diagnóstico de Noys é importante por lançar um olhar crítico à corrente aceleracionista, apesar disso, parece mobilizado por uma concepção enviesada, como apontam Matt Colquhoun e Pete Wolfendale, de que a definição noysiana, de acentuar as contradições internas do capital para leva-lo ao colapso e com isso o colapso social, nunca foi uma posição política defendida (FISHER, 2020, p. 32) – com a ressalva de Nick Land, que defende essa posição. Da leitura dos textos aceleracionistas marxistas e da CCRU o que se apresentou a mim foi uma crítica profunda às estruturas sociais e econômicas da contemporaneidade e cuja raiz encontra-se em conceitos filosóficos que atravessaram o período da Modernidade de forma predominante e que influíram e forjaram a realidade atual.

Por isso, houve uma preocupação, durante a escrita da dissertação, em apresentar um pouco do contexto social das décadas de 1970 e 1990, mostrando os diversos movimentos sociais e questões sociais que eram priorizadas e que, sem sombras de dúvidas, influenciaram na forma com que os textos aceleracionistas destes períodos foram elaborados. Eram décadas de intensas transformações sociais, fator que não pode ser deixado de lado. Assim, pude identificar nesse contexto de grande ebulição social uma mobilização de oposição a esses aspectos compreendidos como um pensamento predominante da Modernidade – mobilização também encontrada nos textos aceleracionistas destes períodos.

² Isto se percebe pelas publicações sobre o teórico em seu blog (PINHEIRO, 2020, nota de rodapé nº 11), mas mesmo antes de identificar a corrente aceleracionista, em seu livro *Georges Bataille: A Critical Introduction* (2000) Land era já um autor presente.

A título de melhor compreensão destes aspectos filosóficos predominantes da Modernidade, exemplifico alguns a seguir: um princípio econômico utilitarista, o desejo caracterizado pela falta, mas que não recai no princípio de acumulação, a relação homem-natureza é caracterizada como o homem enquanto sujeito e a natureza enquanto objeto, em que há a exploração inconsequente de recursos naturais como matéria-prima, pois se pensa a natureza como fonte inesgotável e passiva, há uma ideia de humanidade como superior e de dominação sobre a natureza, também a ideia de centralização da soberania do homem sobre todas as coisas, a ideia de uma consciência plena do homem, a ideia de homem como sujeito absoluto e de um ideal de humanidade atravessado por teorias supremacistas e racistas, havia ainda uma ideia de progresso humano e espiritual, uma caminhada transcendental em oposição à imanência, e a noção de alteridade no reconhecimento entre consciências livres.

Salienta-se que essa mobilização não é exclusiva do período da contemporaneidade, pois dois pensadores de crucial importância para o aceleracionismo já faziam duras críticas à aspectos modernos – ao mesmo tempo que mantiveram proximidade com alguns destes aspectos. Estes pensadores são Marx e Freud, enquanto o primeiro criticou uma noção de economia capitalista tida como natural e imutável e expôs, a partir do materialismo-histórico, como o capitalismo se forjou – às custas de sangue e destruição –, o segundo apontou para “feridas narcísicas” ao ego humano, pois na Modernidade havia uma crença do homem como centralidade de todas as coisas, que são derogadas nos campos da cosmologia, com a revolução copernicana, da biologia, com a teoria darwinista, e da psicologia, com o descobrimento do inconsciente.

Apenas de passagem, exemplifico rapidamente em que medida Freud e Marx mantêm alguns aspectos modernos em suas teorizações. O complexo de Édipo freudiano está comprometido até o tutano com narrativas do campo da primatologia que já não se sustentam mais, como a da horda primeva, e, como nos mostra Firestone ao ir no cerne e mostrar que o complexo, na realidade, é um reflexo da cristalização de uma longa história de subjugação dos corpos das mulheres ao patriarcado na formação da família nuclear patriarcal capitalista. No caso de Marx, relembro a citação que deu nome à pesquisa e que apresenta uma ideia de progresso mesmo às custas da colonização de outros povos e destruição de suas culturas. Com isso, os textos aceleracionistas da década de 1970 abraçam uma tarefa de criticar conceitos estabelecidos e bem-quistos para a psicanálise e para o marxismo, ao mesmo

tempo que mostram uma intenção de não abandonar tais teóricos, como vemos, por exemplo, Deleuze e Guattari desenvolverem uma análise sobre a esquizofrenia e propor a esquizoanálise como parte de uma via revolucionária contra o capital.

Assim, há uma ruptura de uma leitura que perdurava no marxismo que relacionava os pensamentos de Marx e de Freud. Para essa ruptura, os textos aceleracionistas da década de 1970 mobilizam autores que lhe permite cumprir a tarefa que se imbuíram, e dos diversos autores que têm importância nesse período de intensas mudanças sociais, destaque dois: Simone de Beauvoir e Georges Bataille. Beauvoir é de extrema importância para Firestone – que, inclusive, lhe dedica o livro – enquanto que Bataille é fundamental para *O Anti-Édipo*, *Economia Libidinal* e *A Troca Simbólica e Morte*; é interessante como ambos traçam críticas à Marx e Freud, também lhes são importantes os conceitos de transição natureza-cultura, a proibição do incesto, a sexualidade e o erotismo, além de analisarem as relações de poder e valorizarem as experiências e centralizarem na questão do corpo.

O pensamento de Beauvoir, junto a Marx e Engels, é mobilizado por Firestone para mostrar que a realidade não é mais tangida por um fundamento naturalista, que a humanidade pode modificar a natureza, também não se reduz a realidade em exclusivamente econômica, como o faz o marxismo, ou psíquica, como o faz a psicologia freudiana. Ainda assim, Firestone irá contrapor-se à Beauvoir quanto à raiz da opressão das mulheres, pois enquanto que a filósofa francesa identifica nas categorias advindas da história e partindo de uma análise crítica da alteridade hegeliana – ao mostrar que a relação entre consciências livres que se reconhecem somente é possível entre homens, enquanto que a mulher é o outro Outro –, para a teórica estadunidense Beauvoir ignorou a real origem da opressão, que é a própria natureza, a diferença sexual que desencadeia na desigualdade sexual e na divisão sexual do trabalho, ao ser reiterada na história humana.

Já o pensamento de Bataille é mobilizado pelos autores dos textos do *O Anti-Édipo*, *Economia Libidinal* e *A Troca Simbólica e Morte* devido a formulação do paradigma econômico da ontologia do excesso que se contrapõe à ontologia da falta, característica do sistema capitalista. A acumulação capitalista é guiado pelo princípio utilitarista, uma vez que o valor de uso é a utilidade, contudo, Bataille analisa as sociedades não-capitalistas e identifica aquilo que ele compreende como metafísica solar do gasto, i. e., uma vez que o sol doa em excesso as relações perpassadas por essa ontologia inclinam-se ao dispêndio, e não à acumulação, posto que nas sociedades modernas a economia rege o gasto de energia

humano. Além disso, Bataille também fornece críticas à Marx, por enxergar em sua análise não uma proposta de modificação total das estruturas vigentes do capital, mas uma crítica sobre como reger a economia de forma benéfica, também fornece críticas à Freud, pois permite uma perspectiva do desejo não instanciado pela falta, mas pela produção, abrindo espaço a um engajamento com a noção marxista de produção – por fim, a imanência batailleana é outro ponto forte abraçado pelos autores, que a contrapõe ao transcendentalismo moderno.

Claro que isso é um breve resumo sobre Bataille e Beavouir e a forma com que são mobilizados pelos textos aceleracionistas marxistas, seus pensamentos não se reduzem à corrente ou aos pontos levantados, visto que servem para refletir principais pontos sobre a importância destes autores para a corrente neste período. É interessante salientar que Bataille é um autor de suma importância também à Land, que lhe dedica um livro, *Thirst of Annihilation: Georges Bataille and Virulent Nihilism* (1992).

A seguir irei me demorar nestes textos que formam as correntes aceleracionistas marxista (que são os textos da década de 1970) e cibernética (CCRU, na década de 1990), porém, não de forma aprofundada, visto que isto foi feito na dissertação, mas ressaltando alguns pontos. Saliento que houve uma escolha durante a dissertação por uma exposição do pensamento destes autores como melhor forma de abordagem, e a crítica feita por Noys a estes textos de forma pontual, dadas as limitações formais e por estar bem desenvolvida a crítica nos textos deste teórico marxista.

Em *O Anti-Édipo*, Deleuze e Guattari desdobram a noção de inconsciente freudiano para mostrar como o complexo de Édipo tensiona e constrói a identidade do sujeito através dos fantasmas do complexo (pai-mãe-Édipo) e da noção de desejo enquanto falta e de um fluxo paranoico, reduzindo o inconsciente a um teatro. E contrastam a essa noção redutora a maneira como o *id* (*isto*) – que não é um *eu* (*ego*), visto que este surge na fantasmagoria do complexo já estruturado numa representação simbólica de papéis sociais –, na realidade, é orbitado e assombrado pelas estruturas exteriores do *Ego* e do *Superego*. Assim o *id* está fora da ideia de sujeito e próximo à natureza (que também é um *isto*)³, e que

³ Em Freud é a proibição do incesto que traça a mudança da natureza para a cultura, i. e., “É Édipo que nos faz homens, seja para o melhor ou para o pior, diz o tolo.” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 148). Essa forma de ver a natureza como máquina e de produção constante contrasta com a relação homem-natureza do Estado moderno e o processo evolutivo, visto que são atravessados por uma concepção de natureza cindidas entre noções de fertilidade e de esterilidade, sendo a escassez o agente que efetiva transformações. Enquanto que, na concepção de uma natureza máquina, não há diferença entre uma terra desértica e uma

em suas (des)conexões e (des)arranjos o que subsiste é uma noção de inconsciente enquanto máquina e de desejo enquanto produção, emergindo a noção de *máquinas-desejantes*.

Posto que o *id* é assombrado até ter seu desejo produtivo tomado por um desejo lacunar e forçado a repetir uma representação teatral vitoriana de família até ser possuído por uma das identidades do complexo – *id(entidade)*, nos termos da CCRU –, ao invés de poder exercer toda a potencialidade e capacidades do inconsciente que é semelhante a uma fábrica ou ateliê. A essa investida contra o inconsciente é que os autores denominam de *operação Édipo*. Podemos entender essa operação também como um cercamento (utilizo-me da terminologia de Silvia Federici) do desejo através de um sistema de repressão-recalcamento, i. e, uma metafísica da identidade moderna forjada em torno de um sujeito transcendental e universal.

À essa história de cercamento soma-se outra história, a do cercamento das máquinas. A dissertação trouxe essa história de maneira mais aprofundada, por isso tentarei ser breve, na tentativa de chamar a atenção para alguns pontos. A questão que atravessa o texto é noção de economia libidinal, que os autores mostram haver investimentos libidinais no *sócius* e nos indivíduos. Três autores são essenciais para apresentar essa perspectiva dos autores, Marx, Nietzsche e Espinosa. O materialismo-histórico marxista é utilizado para refletir os fatores para os acontecimentos históricos, mas não inserida em uma temporalidade linear e sim contingencial, a noção produtiva das forças de trabalho também são utilizadas aliadas a noção de produção batailleana e em relação a elaboração de forças produtivas da natureza; de Nietzsche, os autores acolhem os conceitos de dívida como parte da história das máquinas e de vontade de poder como uma potência da humanidade em desenvolver ao máximo suas capacidades, que se atrela às noções espinozistas de substância objetiva – mostrando um desenrolar dessas forças produtivas como colaborativo entre humanidade e natureza – e de indiferenciação entre corpo e mente – reiterando uma não diferenciação entre humanidade e natureza, ambos são máquinas-desejantes de *id* produtivo, além de mostrar o desejo (em ambos) como um fluxo nômade e sempre coletivo.

É assim que vemos assentar-se sobre a terra – essa unidade primeva e corpo pleno – diversas máquinas territoriais, da mesma forma que o corpo é visto como pleno e cercado nessa história das máquinas. Na máquina territorial primitiva, há inscrição tanto

paradisíaca, ambas são produção, é essa produção incessante que está em constante mudança – e não uma forma passiva que por algum fator de uma agência externa impõe uma crise e torna-se produtivo, criação.

sobre a terra quanto nos corpos, através de um processo de *codificação* do desejo, na forma de parentescos que arranjam as relações sociais em extensões de terra (e não em regiões geográficas). E ainda que não existam os fantasmas edípicos, a prática política e filiativa é horizontal na forma de alianças. Interessante como as máquinas posteriores advém de (des)arranjos e mal funcionamentos. Assim, na máquina territorial segmentária há a separação dos corpos em um duplo aparelho tribal de linhagem – um aparelhamento das mulheres distribuídas como irmãs ou mães dentro de um sistema de troca e de anulação de sua identidade em prol de uma patrilinearidade – também distributivo de dívidas por alianças. Na máquina despótica a filiação é traçada a partir de uma noção de *divindade*, através de uma *sobre-codificação* que torna os signos abstratos e cerca o desejo para refletir-se com a vontade do soberano, e em que o corpo do déspota se torna o próprio corpo pleno, não mais a terra, ocorrendo a primeira *desterritorialização*.

Vemos mais claramente a diferença entre os fluxos esquizo e paranoico, em que o primeiro se lança no deserto de maneira nômade e sem interesse em retornar a algum lugar ou em fixar-se, enquanto que o segundo se lança com o objetivo de retornar (com uma “nova aliança”, uma palavra de ordem sagrada) e de estabelecer um lugar. Também vemos resíduos de territorialidades anteriores, como as comunidades rurais, e de desejos recalcados, como o instinto de morte e a produção do desejo, que são integrados em prol desta máquina despótica, que instaura um regime de morte e terror e de produção de produção. Aqui Édipo está orbitando para advir, tanto é que a proibição do incesto permanece com a ressalva de sua permissividade na figura do rei, que pode casar-se com a “princesa-irmã” ou a “rainha-mãe”. É a aparição do *corpo com órgãos*, a forma jurídica da dívida infinita. E, uma vez que a tal máquina é paranoica, ela investe libidinalmente no sócio seu fluxo paranoico com seus arcaísmos (como a religião cristã), cercando os corpos e psiquês – Édipo está próximo.

Do mal funcionamento desta máquina – que de suas variedades tem no feudalismo seu ápice – alguns axiomas parecem derreter tais estruturas e ganhar intensidades fugaz, dos quais destaco dois: a propriedade privada, que faz da terra mercadoria advinda de um processo de expropriação e cercamento, e a produção mercantil, que se estabelece em torno de duas classes (burguesa e proletária). É o processo de desterritorialização, agora industrial e das máquinas técnicas, e de descodificação, que é realizada pelo mercado (cada vez mais à revelia do déspota) e exportado e reproduzido nas colônias. Tais axiomas são essenciais para a formação do capitalismo, pois geram trabalhadores desterritorializados e

dinheiros decodificados, ainda que em um primeiro momento o capital seja de alianças encaminhando-se para tornar-se filiativo.

É assim que esse fluxo descodificado e desterritorializado toma o lugar do corpo pleno do déspota, sem, contudo, desfazer-se deste corpo (que é o Estado), pois usa os fluxos codificadores, sobrecodificadores e territorializantes deste sujeito artificial – surgindo, dessa maneira, a máquina territorial moderna imanente (capitalista). O capital “*é diferente de todas as outras máquinas e corpos plenos, não precisa codificar ou sobrecodificar, não precisa marcar os corpos, não precisa de memória, linguagem, escrita, história, nem de investir libidinalmente, já que esta é a função de Édipo, o Capital é o limite de toda sociedade*” (PINHEIRO, 2020, p. 48). Édipo, assim, aparece como a privatização do desejo e de uma certa configuração social como unidade básica do capital (o familismo), cujo fundamento é a reprodução infinita, pilar para a geração da mão-de-obra proletária e do exército de reserva, também exercendo sobre os indivíduos a captura e desaparecimento da questão de classe⁴, é assim que Édipo toma o lugar do desejo e se afigura como desejo capitalista.

O aceleracionismo deste texto está na forma com que o fluxo esquizo tem por característica a desterritorialização, que também é característica das máquinas territoriais despótica (feudal) e capitalista. Se tivermos em mente que a máquina despótica é considerada a primeira desterritorialização por ser uma sobrecodificação, i. e., no sentido e que o corpo pleno não é mais a terra, mas o corpo abstrato do déspota, vemos que sua base é o fluxo paranoico – que se lança no deserto, mas que retorna -, diferenciando-se do fluxo esquizo que se lança numa constante nômade. Mas a questão não se responde aí, há que se pensar no caráter desterritorializante do capital, que se diferencia da desterritorialização despótica, pois é um fluxo altamente veloz de mercado tecnológico – tendo em vista que a desterritorialização que exerce sobre a máquina despótica feudal tem a ver com a industrialização, que alia mercado, ciência e tecnologia, para ser sucinta. É assim que distribui os fluxos e desejos geográfica e socialmente no planeta, reproduzindo metrópoles e periferias e investindo Édipo libidinalmente; a depender das resistências a esse sistema econômico libidinal ajusta os fluxos, seja territorializando ou destrritorializando, codificando ou descodificando, sempre no limite.

⁴ Como dizem os autores: “claro, o patrão é o pai, o chefe do Estado também, e o senhor também, doutor...” (PINHEIRO, 2020, p. 50).

Ainda assim, não podemos esquecer que o capital, ao mesmo tempo que corrói a máquina despótica, a mantém, no sentido de aproveitar-se de seus fluxos territorializantes e codificadores. É o encontro contingente desses fluxos despótico e tecno-mercantilista que assenta a máquina territorial imanente moderna e capitalista, e como o fluxo esquizo também nunca cessou nessa história de cercamento das máquinas, está sob a mira do arsenal despótico e capitalista – basta lembrarmos de Federici, com base em Marx, nos dizendo que o proletariado não existia até a modernidade⁵. O ponto de Deleuze e Guattari é que o esquizo ainda guarda a potência de seu fluxo desterritorializante e capaz de romper o capital, apesar de ser também gerado por ele, e para isso os autores elaboram a esquizoanálise – uma análise perpassada pelo materialismo-histórico como parte do projeto de desedipianização das máquinas-desenantes, também de resistência ao capital e uma rota de fuga.

Acrescenta-se a essa breve análise do aceleracionismo no texto destes autores o conceito de *Urstaat*. Há um artigo de Sílvio Gallo e Alexandre Filordi de Carvalho, *Lutas Democráticas contra O Urstaat: O que pode fazer a educação?* (2019), que ajuda a elucidar mais esse conceito e o que está em jogo; neste artigo, Gallo e Carvalho também tentam identificar como esse conceito se originou no *Anti-Édipo* – algo que não irei enveredar neste texto, mas sugiro a leitura. Primeiro, quero chamar a atenção para a forma que Gallo e Carvalho compreendem o *Urstaat* em meio as complexidades envolvidas em sua definição, que “*é o Estado primordial do despotismo na aparição do próprio Estado*”(GALLO; CARVALHO, 2019. p. 554), i. e., “*apesar da variação da formação do Estado, o desdobramento de suas formas permanece cristalizado e projetado no que lhe é primordial: o despotismo.*”(GALLO; CARVALHO, 2019, p. 554).

Segundo, chamo a atenção para a relação deste com o capitalismo, isto porque “*A interpretação dispensada por Deleuze e Guattari (2010) é justamente a de que a máquina capitalista atual não passa do espelhamento da megamáquina urstática.*”(GALLO; CARVALHO, 2019, p. 556). Com isso em mente, destaco outro ponto a se refletir, de como Deleuze e Guattari mostram que o Estado é um conceito também de difícil engajamento para

⁵ Ela diz: “Isso aconteceu principalmente com a indústria têxtil, reorganizada como indústria artesanal rural, na base do “sistema doméstico”, antecedente da atual “economia informal”, também construída sobre o trabalho das mulheres e das crianças.⁷⁴ Porém, os trabalhadores têxteis não eram os únicos que tiveram seu trabalho barateado. Logo que perderam o acesso à terra, todos os trabalhadores lançaram-se numa dependência econômica que não existia na época medieval, considerando-se que sua condição de sem-terra deu aos empregadores o poder para reduzir seu pagamento e ampliar o dia de trabalho. Em regiões protestantes, isso ocorreu sob o disfarce da reforma religiosa, que duplicou o ano de trabalho, por meio da eliminação dos feriados religiosos.”(FEDERICI, 2017)

o marxismo, seja na perspectiva de transição do estado socialista para a não necessidade de um estado, nos textos de Marx, ou considerando as consequências para o movimento dos trabalhadores ao redor do globo diante da escalada autoritária do estado socialista liderado por Stalin:

E apesar de os autores colocarem em dúvida de como tais oscilações se tornam fascistas ou revolucionárias, a conclusão do duplo movimento é a mesma de Marx, a de que o Estado moderno efetua um “devir-imanente” ou cumpre uma “missão histórica”, ao passo que o Urstaat também é desejado, seu significante despótico dilacera capitalismo e socialismo, mas o fluxo esquizofrênico os arrasta (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p 346). (PINHEIRO, 2020, p. 56)

Esse finalzinho esperançoso sobre o esquizo parece ter esteiras reais, como nos mostram Carvalho e Gallo, que “*Como Império, Ur caiu em função de sucessivas invasões nômadeas.*”(GALLO; CARVALHO, 2019, p. 559). É bom frisar que para os autores o esquizo não serve ao capital e é arredio à Édipo, e é interessante como baseiam-se nas análises de Foucault “*para mostrar como o esquizo foi sendo transportado/arrastado por outros fluxos*”(PINHEIRO, 2020, p. 50), i. e., não apenas por ser um curto-circuito na teoria edípica freudiana, mas também pela função que a psiquiatria exerceu em prol do devir capital e de seu pilar (a família nuclear patriarcal capitalista) ao “normalizar” corpos; logo, o fluxo esquizo é percebido como rota de fuga ao capital e potencial disruptivo deste sistema. Por isso é possível compreender a aposta dos autores no fluxo desterritorializante (esquizo), não apenas pelo fato de que o limite do capitalismo é esquizofrênico, mas porque cada vez mais gera seu “anjo exterminador” – que é o esquizo⁶ -; uma saída que é contrária à outra (de os estados do sul global se fecharem em si mesmos) por ir junto dos fluxos (impondo uma economia geopolítica multipolar), pois essa parece ser a lição lúgubre do capitalismo que tanto os autores ressaltam, de que não se pode frear fluxos, mas é possível investir libidinalmente de modo que o desejo seja cada vez mais anticapitalista.

Em *Dialética do Sexo*, de Firestone, que antecede a publicação do *Anti-Édipo*, houve a intenção de situá-lo posteriormente porque seu caráter aceleracionista poderia ser

⁶ Que adiciono a seguinte citação para ressaltar essa potência do esquizo: “*Quanto ao esquizo, com o seu passo vacilante, que não para de migrar, de errar, de escorregar, embrenha-se cada vez mais longe na desterritorialização sobre o seu próprio corpo sem órgãos, até o infinito da decomposição do socius, e talvez o passeio do esquizo seja o seu modo particular de reencontrar a terra. O esquizofrênico situa-se no limite do capitalismo: é a tendência desenvolvida deste, o sobreproduto, o proletário e o anjo exterminador. Ele mistura todos os códigos, é o portador dos fluxos descodificados do desejo.*” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 54)

melhor compreendido desta forma, mas gosto de pensar, novamente, na *retroalimentação*, visto que estes dois textos parecem conversar. A questão central para a teórica estadunidense é buscar a raiz da opressão das mulheres, um mote que se sobressaía na segunda onda feminista (décadas de 1960-1970) da qual participou ativamente, mas também estabelecer uma saída. Para isso Firestone utiliza-se do materialismo-histórico (como visto em Deleuze e Guattari) de forma a lançar luz nesta questão, guiando-se por dois fluxos históricos (o movimento feminista estadunidense e a história marxista do proletariado), mas contrariando a perspectiva marxista de reconhecer a mulher apenas a partir do campo econômico. Isto porque Firestone está do lado de Beauvoir (*O Segundo Sexo*, de 1949) em afirmar que a realidade social não pode ser encerrada somente em uma das três caixinhas – psicológica, econômica ou biológica –, justamente porque a realidade humana as extrapola e porque é correlacionando-as que se pode ter o quadro todo da opressão, como ela diz:

As feministas têm que questionar não só toda a cultura ocidental, como a própria organização da cultura, e, mais, até a própria organização da natureza.(FIRESTONE, 1996, p. 12)

Em sua ótica, a realidade biológica é o fundamento natural que o patriarcado cristalizou e repete exaustivamente para negar direitos às mulheres. Mas esta realidade já não é mais um “valor humano”, afinal, em algum momento deixamos de ser animais, e porque há na humanidade uma tendência *anti-physis* (baseando-se em Beauvoir), i. e., uma capacidade de transformar a natureza através da técnica e que no período contemporâneo alcança um patamar altamente potente ao ponto de possibilitar a reprodução *in vitro* e até a proposta radical de Firestone, a da reprodução maquínica (que é desempenhada por “úteros artificiais”). Ainda assim o problema da não autonomia integral das mulheres em relação aos homens permanece porque, como afirma, a reprodução e sobrevivência da espécie humana ainda é dever natural da mulher.

A realidade econômica também não é suficiente para responder, pois ao traçar uma linha sobre a história humana, com base em Engels (ver FIRESTONE, 1996, p. 15), que se inicia com o matriarcado (sob as formas selvagem e barbarismo) e transiciona para o patriarcado (que ambienta a civilização) até culminar na contemporaneidade capitalista, a mulher está reduzida à questão de classe, i. e., é a divisão de trabalho doméstico que diferencia homem e mulher na história, sendo a família assim um sistema econômico dentre

outros, configurado como o homem enquanto proprietário, a mulher como meios-de-produção e a/s criança/s enquanto trabalhador, ignorando todo um substrato sexual. Em Marx, então, a questão fica ainda mais obscura, em que tanto a mulher quanto o homem são vistos num todo homogêneo na figura do proletariado.

A realidade psicossocial é a que Firestone dedica mais empenho em expor o machismo que enviesou a teoria freudiana, aqui sequer há uma perspectiva de opressão das mulheres, e a autora lembra diversos momentos que Freud naturaliza essa opressão como se fosse desejada pela mulher, como parte de uma “essência feminina”. A título de compreensão, pois foi bem aprofundado na tese, o complexo de Édipo (ponto em comum com o *Anti-Édipo*) é a configuração de uma relação de poder patriarcal, em que o pai é a autoridade familiar e a quem a mãe e a/s criança/s estão completamente submetidos e dependentes. Firestone mostra como o complexo de Édipo, na verdade, é o reflexo da configuração de família que se solidifica na época Vitoriana, fruto de toda uma violência perpetrada contra as mulheres que mobilizavam aquilo que ela chama de o “segundo fluxo mais potente da história”, a revolução feminista, solapada pelo patriarcado capitalista e afunilado no próprio movimento feminista pela demanda do sufrágio feminino – que não desmerece, mas tece críticas orientadas por uma perspectiva de diminuição de potência.

Por isso Beauvoir, na percepção de Firestone, é quem mais se aproximou da resposta sobre a raiz da opressão das mulheres ao iniciar com a realidade biológica. Firestone, inclusive, dedica diversos momentos em sua obra para explicar o impacto da realidade biológica sobre a mulher, mas que cito dois pontos para exemplificar, de como o sexo gera uma dependência nas mulheres aos homens, seja qual for a configuração social, para sua própria sobrevivência, também uma dependência corporal e psicológica entre a mulher e a criança devido à procriação e ao tempo de cuidado dedicado a uma cria humana em relação a outros animais, e que devido a tais fatores é que se instaura a primeira divisão de trabalho (baseada no sexo). É por isso que para Firestone a raiz da opressão das mulheres está na natureza, um ponto de discordância entre ela e Beauvoir.

Para a teórica estadunidense, Beauvoir parece se deixar atravessar pelo seu mote filosófico existencialista na hora de responder a esta pergunta, e que por isso sai da esfera biológica e encontra na realidade histórica, especialmente na alteridade hegeliana, a raiz da opressão, visto que nesta alteridade o reconhecimento acontece apenas entre mentes livres (homens) na relação eu-outro, portanto, a mulher seria o outro Outro. Firestone questiona a

filósofa francesa em como postula categorias *a priori* sendo que em seguida “*documenta as circunstâncias biológicas e históricas que empurram a classe de ‘mulheres’ em tal categoria, sem levar em conta uma possibilidade muito mais simples e mais provável, ou seja, que o dualismo básico brotava do próprio sexo?*” (FIRESTONE, 1996, p. 17) – categorias históricas que ela estende, inclusive, a outras, como a transcendência e a imanência, mas não como a negá-las, mas apontando que antes delas há a dualidade sexual, fundamentando-se em Marx e Engels que mostram ser frutos da História.

E é diante dessas análises críticas que Firestone postula a noção de *dialética sexual*, partindo da compreensão marxiana e engelsiana de que o mundo é /fluxo natural de ações e reações (um processo de opostos inseparáveis e interpenetrantes), para evidenciar que a raiz da opressão das mulheres está fundada no sexo e na diferença sexual, e que dialeticamente na caminhada humana, desde a natureza à História, estabelece as divisões sexuais de trabalho, indo fundo na questão de classe e a desvelando já no início dos tempos, como era sua empreitada. Dessa forma o quadro da situação das mulheres parece se completar, pois o sexo como elemento fundante do dualismo articula o campo biológico, psicossocial e histórico-econômico. É a unidade básica de procriação – homem, mulher, criança – que vai sendo reiterada violentamente até culminar na unidade familiar patriarcal capitalista.

Mas, uma vez que valores vão sendo deixados no caminho pela jornada humana, dentre estes o “valor natural”, isso permite que seja possível não apenas ir contra a natureza para mudar a realidade biológica, como contra a História, para mudar a cultura e sociedade. É a tendência *anti-physis* que aos olhos de Firestone é o fluxo mais potente de transformação de realidades – mas sem cair em uma inocência de que tal fluxo não possa ser um instrumento de opressão –, para ela essa tendência pode ser capaz de colapsar o dualismo biológico sexual, a dialética sexual, a cultura bifurcada, a divisão sexual, o patriarcado e o Capitalismo. Seria, assim, o fim da exploração das mulheres e da classe trabalhadora, por possibilitar uma sociedade sem trabalho, em que as máquinas desempenham um papel importantíssimo para este fim. Sobre isso, acrescento como essa forma de ver a tecnologia se aproxima de Baudrillard, no que se refere à desconfiança, mas em como se distanciam, pois Baudrillard mantém a desconfiança ao pensar na substituição cada vez maior do trabalho vivo pelo morto, enquanto que Firestone está com Marx no vislumbre revolucionário da tecnologia para os trabalhadores.

Tal fluxo se emaranhou naquilo que ela chama de Modo Tecnológico – conceito que deve ser compreendido ao lado de outro, o Modo Estético, em que este corresponderia a uma forma de ver o mundo através de mitos e religiões e aquele corresponderia a realização (ou tentativa) das formas de ver o mundo e de prover necessidades através da tecnologia. Isto porque, para Firestone, tais modos estão inseridos no conceito de cultura por ela definido como o desejo da humanidade de realizar o impossível, que se elabora no acúmulo de habilidades e no controle do meio-ambiente, e que indistingue para isso as artes, as letras ou as ciências.

Claro que, na Modernidade tudo isso muda e o dualismo sexual atravessa absolutamente todos os corpos e esferas sociais, influenciando até na compreensão da história humana; dessa maneira, o segundo modo se sobrepõe ao primeiro e se transforma numa meta capitalista (a meta tecnológica), além de serem julgados como domínio feminino (que seria o Modo Estético) e domínio masculino (que seria o Modo Tecnológico). Dito de outra forma, *“a dualidade sexual fragmentou a cultura, segregou os sexos por meio de um sistema econômico que agia através de uma psicologia do poder, e que determinava os papéis sociais a serem desempenhados por homens e por mulheres”*(PINHEIRO, 2020, p. 70).

E aqui entramos, finalmente, no caráter aceleracionista de sua obra. Firestone se baseia em Marx e Engels tanto na articulação de uma saída partindo do problema quanto na forma de ver as coisas, pois tanto o patriarcado quanto o capitalismo, como esses ápices da dialética sexual, são vistos como precondições históricas para a revolução, dada a questão tecnológico, e que se encontram em crise, porém, a saída não se encontra em buscar um retorno a algum ponto histórico, por ser isto impossível e por estarmos à beira de um abismo (dada a crise climática), mas a partir do próprio capitalismo conclamar seu “anjo exterminador” e tomar aquilo que foi usurpado, acelerando a dissolução destes regimes opressores.

A saída que Firestone fornece é o conclave às mulheres para a tomada dos meios de reprodução e das esferas das ciências e tecnológicas, e isso se faz com uma reintegração dos Modos Tecnológico e Estético (sem atravessamento da dualidade sexual), também de uma revolução cultural que preconize uma sociedade eco-socialista de cultura andrógena, pansexual e transexual. Assim a sociedade por ela idealizada tem uma perspectiva cosmopolítica, apesar de se fazer numa tentativa de “pacificação artificial”, também perspectiva econômica, sob o regime socialista, e social, que aboli as estruturas de gênero,

desde a forma dos indivíduos se exprimirem, desejarem à distribuição coletiva do cuidado com as crianças – que Firestone tem uma dedicação especial na tentativa de lhes dar lugar e vozes. Sobre este último aspecto, o das estruturas de gênero, é interessante como ela pontua se tratar de uma libertação do inconsciente, ponto em comum com Deleuze e Guattari, e que poderia se encaixar na “perversão polimorfa”, que seria talvez um ponto em comum com Lyotard.

Em *Economia Libidinal*, Lyotard utiliza-se da ironia como parte de sua análise do *Anti-Édipo* e da sociedade contemporânea, há centralidade numa noção de corpo pensada como totalidade e por isso repelida pelo autor – referenciando tanto ao *corpo-com-órgãos* quanto ao *corpo-sem-órgãos* deleuze-guattarino, que não deixam de ser corpos, i. e. totalidades. A não corporalidade é proposital, para Lyotard o que se sobressai no texto de Deleuze e Guattari é, justamente, os investimentos libidinais, que articulam o desejo através de uma “banda libidinal moebiana”. O ponto de Lyotard parece ser sua perspectiva sobre a figura do proletariado, vista de modo paternalista pelo marxismo, e que após *O Anti-Édipo* o que parece mais claro é que essa figura pode ser atravessada por investimentos libidinais, podendo, inclusive, desejar o capital. Dito de outro modo:

Isto quer dizer que, para Lyotard, há apenas libido⁹⁹, assim, tanto Édipo quanto um Anti-Édipo seriam apenas desdobramentos da “banda libidinal”; também que o desejo, que era ponto de ruptura cultural e de revolução, agora ante a ambivalência de seu caráter, pode ser igualmente cruel e masoquista, bem como fazer parte da constituição da economia. Em outras palavras, não se trata do “desaparecimento do gozo como fim” no Capital, como Deleuze e Guattari pensam, mas da infinita possibilidade de gozar proporcionada pelo Capital, apesar de ser um gozo insuportável, como afirma Lyotard. (PINHEIRO, 2020, p. 76)

O autor restabelece uma perspectiva que parecia abandonada na teoria freudiana, que são a dos impulsos libidinais, pois no início Freud teorizava sem nomear, depois passa a categorizar uma certa distribuição de fluxos libidinais – que já vimos em Firestone que é consequência da configuração na era vitoriana da unidade familiar patriarcal capitalista – com um nome, o complexo de Édipo, e assim vai categorizando e nomeando. A libido, então, para Lyotard é uma energia livre e cibernética (que influenciará a CCRU), acentuando a não existência de um limiar entre corpo e mente, e com isso contrariando uma perspectiva da modernidade de diferenciação entre racionalidade e passionalidade. Assim, não se trata de

uma tentativa de libertação da libido – ou do inconsciente, como Deleuze e Guattari e Firestone se empenham –, porque em sua ótica isto seria como estabelecer uma nova moral, recebendo críticas neste sentido por arrastar para um abismo a própria teoria crítica.

Lyotard parece esvaziar os tons esperançosos do *Anti-Édipo* ao assumir uma postura pessimista em sua análise, que coloca em questão (ou suspeita) aspectos messiânicos e prometéicos. E essa perspectiva resvala no marxismo, que dedica grande parte de sua empreitada. Seu compromisso é com o texto em sua possibilidade de reverberar paixões e não com uma provável verdade escondida – como ironicamente critica Althusser neste sentido.

A banda/faixa libidinal moebiana é uma figura criada, no ano de 1963, por Maurits Cornelis Esche, um artista holandês, e que leva o nome de August Ferdinand Möbius, astrônomo e matemático alemão que inspirou o objeto topológico inventado no ano de 1858, e que foi utilizada na psicanálise por Lacan⁷. A faixa carrega o conceito de infinitude e não se insere em categorias como fora/dentro, exterior/interior, corpo/mente, tu/eu, /isto/aquilo, ser/não-ser e outras dualidades, de modo a contrariar um entendimento moderno de que mente e corpo são substâncias distintas ou aspectos distintos de uma substância e contraria a própria noção de sujeito e alteridade moderno, como explica Elizabeth Grosz (PINHEIRO, 2020, nota de rodapé nº 97). Para Lyotard, esta faixa é fundamental para mostrar sua perspectiva não totalizante, mas energética, que vemos quando fala sobre a velocidade da barra – que quanto mais intensa não há margens, fantasmas, sujeito, e as categorias já citadas, mas à medida que tem sua velocidade reduzida inicia-se o processo de conceitual (PINHEIRO, 2020 nota de rodapé nº 84).

A postulação em torno da prostituição é um conceito bastante complexo e delicado e que é articulado junto a dois outros conceitos, da alienação (marxista) e da castração (freudiano). Lyotard está contrastando a imagem do corpo prostituído e do cafetão à da dialética senhor-escravo, para mostrar o atravessamento libidinal, sem negar a condição política da dependência e da violência. A prostituição aqui, inclusive, tem fundamento em uma leitura contrariada de Marx, quando este avalia a situação proletária como uma prostituta que tem de vender seu corpo para sobreviver e que é rechaçada por Marx em seu projeto político emancipatório. Isto porque, para Lyotard a classe trabalhadora, na contemporaneidade, assemelha-se a esta figura de um corpo prostituído que também goza

⁷ Ver: <https://marciomariguela.com.br/banda-de-mobius/>

com o capital, i. e., não é visto numa ótica passiva, mas partindo de uma posição libidinal. Além disso, para ele a noção de libido tem um caráter de fuga.

Assim, Lyotard vai exemplificar a economia como libidinal e essa posição libidinal através de dois eventos, as mulheres lídias e o caso de Alcibíades. No primeiro caso, o texto parece considerar que a sexualidade não tinha o peso da moralidade moderna e cristã, e assim, nos termos de Lyotard, a prostituição que era exercida em Lídia – um reino da Idade do Bronze na antiga Ásia Menor (Anatólia) – estava inserida em um contexto sagrado realizado pelas mulheres lídias e de extrema importância para os lídios. É interessante como o autor contrasta os lídios e os helenos acerca da sexualidade e da reprodução, em que no caso das mulheres lídias o sexo sagrado as inseria de forma central nos campos da religião, da política e da economia; enquanto que no caso das mulheres helenas, não tinham direito à cidadania e seu papel social estava na capacidade de gerar filhos. No segundo caso, Lyotard destaca na história de Alcibíades – que foi um dos discípulos de Sócrates e desempenhou um papel importante na história de Atenas – sua oferta de juventude e beleza à Sócrates em troca do conhecimento e sabedoria do filósofo, porém, lhe é negado.

Lyotard parece estar opondo nestes dois casos as questões da sexualidade e da economia libidinal. O “círculo de Lídia” contrasta com uma crença moderna de que a reprodução é a função e dever natural das mulheres e com o lugar da mulher na sociedade (não detinham cidadania), posto que, no caso das mulheres lídias seu ofício sagrado pode ser visto como uma “esterilidade” aos olhos modernos, mas que em realidade é “reprodutora de dinheiro”. Já a oferta de Alcibíades, que se insere em um contexto homoerótico⁸, contrasta com a sexualidade moderna, que se insere no aspecto reprodutivo e que trata como anormal pecado a sexualidade que foge de seu padrão. Tanto o primeiro caso quanto o segundo se inserem na “perversão polimorfa”, que permite Lyotard postular a noção de corpos-negociosos e da potência do corpo em mutar-se, além da moeda participar libidinalmente. Acentuando esse ponto sobre a economia libidinal, destaco como o autor evidencia a cidadania atravessada pela libido, exemplificando com a cidadania ateniense, em que forma um corpo-cidadão onde apenas os homens tem acesso à cidadania somada a uma *virtude e* que fazem da *politeia* – um conceito de importância para a constituição do estado moderno – um dispositivo que anula a diferença.

⁸ Ver: ANDRADE, Tiago Souza Monteiro de. O relacionamento homoerótico na Grécia Antiga: uma prática pedagógica. In *FACES DA HISTÓRIA*, Assis-SP, v.4, nº2, p. 58-72, Jun.-Dez., 2017.

Não vou aprofundar o assunto em torno da transição *politeia* para *politeia-koinonia*, que o autor se baseia em Aristóteles, pois isto foi feito na dissertação, mas destaco que a falta é inserida neste momento na mediação das relações sociais, também que a moeda exerce uma função de satisfazer as necessidades, i. e., seria uma modalidade de *zero*. O conceito de zero é central para o autor, e relaciona-se com a resposta negativa socrática ao seu discípulo, evitando que a troca aconteça e anulando a possibilidade de negócio, assim inserindo um niilismo na economia libidinal. Lyotard mostra que a economia sempre foi libidinal, que a forma negociosa transita a partir do corpo à moeda, e que esta passa a mediar as relações libidinalmente de três formas – homeostase, equilíbrio (dinâmico) e desequilíbrio –; nesse processo é que o zero é relacionado entre as noções niilista, advinda da anulação socrática, e produtiva, que mantém uma dinâmica entre os corpos e suas necessidades.

A questão do corpo e do niilismo guardam relação direta com a teoria marxista, pois na ótica do autor, para investir libidinalmente no corpo proletário é que Marx teoriza a noção de “corpo inorgânico”, que serve para diferenciar do corpo orgânico humano e como um lugar no passado da história humana onde a alienação nunca existiu, mobilizando o ressentimento e o desejo por uma via revolucionária sob um lugar projetado, que nunca existiu ou que é impossível – como Lyotard afirma de forma categórica “Não há sociedades primitivas”(LYOTARD, 1990, p. 122), ponto de divergência com Baudrillard inclusive. A alienação, assim, não é vista sob uma moralidade que a condena, aliás, Lyotard apresenta uma etimologia e fonte filosófica desse conceito marxista, que se fazem numa tradição cristã e filosofia feuerbachiana.

Também guarda referência com a teoria freudiana, primeiro por mostrar que o complexo de Édipo é uma metafísica da dor e uma totalidade negativa, ao lançar luz sobre o fantasma materno, que é um não-ser – uma ausência e por isso a dor não seria possível –; a dor também é vista sob uma ótica de censura, que reduz a possibilidade de gozo sádico e masoquista (uma perspectiva que tem Sade como sua referência); segundo, por mostrar que, na realidade, a dor e o prazer são ocasiões, sem negar com isso a violência e o sofrimento.

Seu argumento, e aqui adentro o caráter aceleracionista da obra, parece ser uma reavaliação da figura proletária, mostrando haver diferença entre classe trabalhadora (que é atravessada pela economia libidinal) e a figura de massa passiva com potência revolucionária (proletariado), i. e., postula que tanto esta classe é atravessada pelo caráter libidinal do capital e que isso afeta suas experiências, quanto se trata de uma classe que tem seus próprios outros

investimentos libidinais e que podem influenciar a sociedade e economia – um exemplo disso seria a questão religiosa, que pode ser mobilizada libidinalmente em prol de uma teocracia. Também uma reavaliação da projeção de uma sociedade proletária emancipada como esse corpo pleno e feliz, e de uma projeção sob o capital como sociedade que impede um gozo, visto que Lyotard põe tais perspectivas sob suspeita e de que há um maniqueísmo como dispositivo teórico, i. e., “que o corpo é composto de arranjos e desarranjos, de organicidade e desordem, que o corpo é libidinal e econômico, que o que existe são regimes de corpos que nunca serão plenos, nunca estarão saciados, que o masoquismo também faz parte do desejo”(PINHEIRO, 2020, p. 91).

Em *Troca Simbólica e Morte*, Baudrillard contrasta a sociedade moderna e a sociedade denominada como “primitiva” – um termo da antropologia, mas também encontrado em textos de Marx e Engels, voltado às sociedades definidas como pré-modernas e paralelizadas em relação a noção de estado (moderno)⁹. Enquanto que na sociedade “primitiva” as relações eram mediadas por uma “instância superior”, que podia ser divina ou a própria natureza, de onde emanava a noção de valor, i. e., o regime econômico era atravessado por uma noção de *dedução*, visto que tal instância era que doava ou recusava; já na sociedade capitalista as relações são mediadas pela economia política, em que a noção de valor não é *deduzido* (de algum lugar), mas *produzido*.

É um processo de derretimento que corrói as sociedades “primitivas” e em seu lugar a sociedade capitalista se estabelece, se antes havia uma “distribuição ou de uma dispensação natural das riquezas”(BAUDRILLARD, 1996, p. 19), agora tudo pode ter um valor. Mas dada a volatilidade própria do capital, ocorre um novo derretimento, e que Baudrillard chama de “emancipação do signo” – é o espalhamento do valor em todas as esferas sociais, nas relações, linguagem, nada lhe escapa –, o signo monetário, que ante operava dentro do regime da produção, não lhe é mais dependente e passa a reger numa modulação especulativa infinita. A realidade também sofre influência destes derretimentos, se antes o natural era ao parâmetro, passa para uma economia política, e se torna “hiper-realidade” – e que Baudrillard chama de “neocapitalista” –, de simulacros.

Assim é que o autor também vai propor uma genealogia dos simulacros, que possui três ordens. A primeira ordem é a da *contrafração*, acontece no período do fim da

⁹ Sugere-se a leitura da obra que aborda o assunto a partir de uma perspectiva indígena e indigenista: TIBLÉ, Jean. *Marx Selvagem*. São Paulo: Annablume, 2013.

Época Clássica e início do período moderno, onde há uma competição em torno de signos de prestígio, para diferenciar as classes burguesa e trabalhadora e a nova ordem social. A segunda ordem é a da *produção*, acontece na Era Industrial, a diferenciação dá lugar a uma produção em série idêntica em detrimento da singularidade, que passa a ser indiferente – aqui a simulação está em seus estágios iniciais. E a terceira ordem, que é a da *digitalidade*, onde não há distinção entre falso e verdadeiro e a simulação está posta, operando de forma a permitir que o capital tenha características preditivas, já que a realidade digital permite explorar simulações e ter uma autonomia mais imediata e cibernética sobre as relações sociais – uma forma de exemplificar isso é a greve, que ao ser absorvida pela força da lei capitalista perde a potência disruptiva e passa a ser regulada pelo sistema, inclusive podendo ser instigada pelo empregador ou até mesmo não ter efetiva alguma.

Da simulação se realça a capacidade neutralizadora do capital, pois, nas palavras do autor, dá fim aos próprios pilares – para erigir outros – e estes pilares são “*o trabalho, a moeda, o salário e a greve*” (PINHEIRO, 2020, p. 103). Isto porque, na segunda ordem da genealogia do simulacro, estes pilares são fundamentais para a subsistência do capital, e como o trabalho se torna uma força produtiva, há uma potência destrutiva capaz de derrogar o capital de seu lugar, ao mesmo tempo, como é um período de simbiose entre trabalhadores e máquinas, estas também guardam uma potência destrutiva em relação aos trabalhadores, já que podem exercer as funções destes no âmbito do trabalho. Para Baudrillard era neste momento que havia a possibilidade real de uma revolução, mas quando o simulacro de terceira ordem derrete o anterior, essa possibilidade se desfaz, isto porque como as máquinas exercem cada vez mais o trabalho, elas tomam o lugar de força produtiva do proletariado, que se fica enganchado entre os aparatos maquímicos desempenhado um “serviço” – que se difere da noção de “trabalho” por ser prestado¹⁰.

Aqui o autor está se baseando nos conceitos marxistas de trabalho vivo (desempenhado pelos trabalhadores) e trabalho morto (desempenhado pelas máquinas), mas afastando-se de Marx no que se refere a refletir a potência das máquinas na emancipação da classe de trabalhadores, em prol do fim do trabalho, pois Baudrillard mantém uma desconfiança sobre as máquinas, observando a tomada de lugar do trabalhador pelas máquinas. Outro ponto interessante sobre isso, é que para Baudrillard essa tomada significa

¹⁰ Baudrillard parece anteciper a mudança de trabalho desempenhado por uma pessoa física e para a prestação de serviços, prestado por uma pessoa jurídica, a *pejotização*.

não apenas do trabalho em seu sentido mais simples, mas também em seu sentido pleno, posto que faz parte do trabalho as horas que são vagas e que são dedicadas ao lazer, logo, o que a digitalidade faz é tomar todos os espaços e lançar os corpos nas simulações, acentuando a quebra referencial que acontece nos derretimentos e absorvendo salário, greve e até mesmo a moeda, que escapa do valor de troca e se torna puramente especulativa.

Adentrando neste momento ao aceleracionismo desta obra, Baudrillard vai desenvolver uma análise em torno da morte sob o signo do capital, novamente contrastando as sociedades moderna e “primitiva”. Assim, o autor mostra que enquanto na sociedade “primitiva” a morte está inserida no contexto da dedução, na sociedade moderna se torna parte do sistema produtivo ao mesmo tempo que há uma investida pelo seu desaparecimento – e que no simulacro da digitalidade e da simulação, esta experiência vista antes em sua realidade e inevitabilidade passa a ser vista sob a ótica da representação cultural que a banaliza e transforma em parte do entretenimento, a artificializa. Isto se percebe na questão do salário por exemplo, que é como uma espécie de resgate ao trabalhador que ao vender sua força de trabalho sofre desgaste sobre seu corpo, e que a modernidade cria a morte enquanto um fato biológico para gerenciar uma biopolítica, que é uma busca pela imortalidade para a classe trabalhadora permanecer em sua condição de servir ao sistema¹¹. Ao lado da biopolítica, que Baudrillard analisa, podemos acrescentar a necropolítica postulada por Mbembe, visto que o estado capitalista também media a morte dos corpos e decide quais corpos são ou não preservados.

Baudrillard relaciona essa obsessão com a morte do estado capitalista com a introdução desta temática na teoria freudiana, nas pulsões de morte (Tânatos) e de vida (Eros). Além de mostrar uma correspondência entre essa obsessão com o tempo, visto que o prolongamento da vida, a busca pela vida eterna, se instanciam no capitalismo como uma forma de impedir o fim do sistema – de escapar das leis da cibernética, fazendo com que o sistema apenas cresça para acumular infinitamente, quebrando, novamente, o referente, aqui no caso a temporalidade. Ainda assim, como afirma o autor, na teoria freudiana a pulsão de morte se insere sob o signo da falta e da restrição, mas relacionando com a sociedades “primitivas”, Baudrillard a reestabelece aproximando-a de como era um momento

¹¹ Podemos refletir a biopolítica sobre a ótica do uso da imagem de pessoas falecidas, como vimos mais recentemente no comercial da Volkswagen utilizando a imagem da cantora Elis Regina reproduzida por inteligência artificial. Ver: <https://www.migalhas.com.br/quentes/389733/conar-abre-processo-etico-contra-volks-por-imagem-de-elis-em-comercial>

importante na vida social “primitiva”, ao invés de um dispositivo energético ou pulsão dentro de um sistema econômico capitalista, e relacionando com o pensamento de Bataille, aproxima a morte da sexualidade para mostrar que não há antagonismo, mas parte da natureza. Baudrillard também relaciona a morte com a teoria marxista, em que a morte é inserida como instrumento trágico do sujeito revolucionário e também está sob a mesma ótica moderna de negatividade, de dessocialização da morte. Baudrillard, em sua análise do marxismo revolucionário, está chamando a atenção para como se faz numa chave de negociação da morte – ele questiona “Porque a maioria das práticas, mesmo as chamadas práticas “políticas” e “revolucionárias”, se contentam em trocar sua sobrevivência, isto é, em negociar sua morte com o sistema.”(BAUDRILLARD, 1996, p. 234). Assim a morte é vista sob a perspectiva do excesso e como uma possibilidade de antieconomia contra o capital, enquanto que *eros* é visto sob a perspectiva moderna de uma caminhada transcendental de total domesticação dos corpos, logo, *tânatos* seria o resquício de uma potência disruptiva que se evade na teoria freudiana e pode ser um agente desregulador do sistema do capital.

Indo para o final desta incursão sobre os aceleracionismos de segunda e terceira onda, adentro neste momento o aceleracionismo da CCRU. Não irei abordar o contexto do período e sobre as atividades e pessoas que fizeram parte ou passaram pela unidade, visto que está bem trabalhado na dissertação, pretendo destacar alguns pontos apenas. A CCRU foi uma unidade fundada nos idos dos anos 1990 e início dos 2000 de maneira coletiva, cujos nomes de Sadie Plant e Nick Land se sobressaem nessa rondagem de *(id)entidade*¹², suas atividades multidisciplinares envolviam o uso e a análise de forma filosófica e experimental do impacto da tecnologia na cultura e através de dois conceitos/ferramentas principais (*theory-fiction* e *hyperstition*), importante frisar que tinham um conceito próprio de *cybercultura* e que se opunham a uma forma que os “estudos culturais” se faziam em seu período, como podemos ver em uma resposta à Simon Reynolds¹³:

Ccru has tried to connect and cross-intensify with peripheral cultural processes (dark-side digital audio, cyberpunk, Neolemurian sorcery, numbo-jumbo, Afro-

¹² Reynolds destaca um comunicado da CCRU sobre esta rondagem: “*CCRU retrochronically triggers itself from October 1995, where it uses Sadie Plant as a screen and Warwick University as a temporary habitat. ...CCRU feeds on graduate students + malfunctioning academic (Nick Land) + independent researchers +.... At degree-O CCRU is the name of a door in the Warwick University Philosophy Department. Here it is now officially said that CCRU ‘does not, has not, and will never exist’.*” —*Communique from Cybernetic Culture Research Unit, November 1997*. Ver: <http://k-punk.abstractdynamics.org/archives/004807.html>

¹³ Ver: [http://www.ccru.net/id\(entity\)/communiqetwo.htm](http://www.ccru.net/id(entity)/communiqetwo.htm)

futurism, Indo-futurism, Sino-futurism ...). It seeks to think, theorize, and produce with rather than 'about' (or -even worse - 'for') them. We think everything interesting happens on the periphery, outside the standard modes of 'developed' existence. (...)

Cyber-culture has come to be synonymous with Internet-studies. Ccru has a more 'fundamentalist' commitment to cybernetics, whose abstract principles of feedback dynamics, nonlinear causality, and machinic involvement are linked to numerous issues concerning digital technology and telecommunications, but in no way restricted to these. (...)

Ccru is an ongoing experiment in collectivity, collective production, anonymity, and masks, dedicated to practically dismantling standard models of social existence, by pursuing ethics in the spinozistic sense (experimental production of collective bodies).

Da leitura radicalizada dos textos aceleracionistas da década de 1970 (com exceção de Firestone, como já foi explicado) junto à ficção-científica de Octavia Butler, William Gibson, Lovecraft e outras influências literárias e filosóficas (como Donna Haraway, de extrema importância pela forma de ver a técnica e que se aproxima da forma deleuze-guattariana, por isso lidos de forma conjunta), é que a CCRU delineia uma mitologia única atravessada pelo conceito de cibernética e por um emaranhado de espectralidade e de engajamento com a memória cultural. Assim é que temos acesso tanto virtual¹⁴ quanto textualmente¹⁵, de forma completa ou numa coletânea de alguns textos respectivamente, à composição de sua mitologia, como nos explicam os tradutores para o espanhol desta coletânea, Abraham Cordero, Didac Tomàs e David Wiehls, da seguinte forma:

Es por esto último que la estructura de libro en que se presenta la obra que el lector tiene entre sus manos es una construcción meramente editorial que privilegia el orden temporal de los acontecimientos narrados (teniendo el inicio y el fin de la obra carácter atemporal, y procediendo el resto desde un pasado cercano hasta lo que para ellos fue un futuro cercano) y que pareciera implicar un determinado orden inmanente, cuando en realidad los textos que la conforman fueron producidos y subidos a la red sin un inicio del que partir o un final al que se quisiera llegar. Y si la compilación se construye en una linealidad aparente que no responde a una necesidad cronológica, vemos que, conforme la multiplicidad de narraciones se va entretrejiendo en un proceso de autorreferencialidad y estructuras comunes (personajes con conexiones biográficas inciertas y la reiteración de acontecimientos calendáricos que marcan un antes y un después en la historia de distintas civilizaciones), los escritos del CCRU dan cuenta de una unidad que los dota de sentido. (CCRU, 2020)

¹⁴ Ver: <http://www.ccru.net/archive.htm>

¹⁵ CCRU. CCRU: *Writings 1997-2003*. Time Spiral Press, 2015.

A mitologia da CCRU, que tem um caráter fragmentário mas religioso e ritualístico, gira em torno de um “*sistema de pandemonium y que se representan a través de la figura del numograma, está claramente basada en un sistema cabalístico, que busca resumir todas las conexiones numerológicas demoníacas, temporales, cosmológicas y cibernético-culturales*” (PODCAST EL SABER OSCURO, 2020, p. 18), um “*sistema del nomograma del que se intenta analizar como ciertos demonios viajan a través de ciertas dimensiones, de ciertas temporalidades que afectan a nuestra realidad.*”(PODCAST EL SABER OSCURO, 2020, p. 21). Não há espaço aqui para esmiuçar toda a mitologia e práticas desta unidade criativa e marcante, mas gostaria de chamar a atenção para dois pontos, antes de adentrar o aspecto aceleracionista da CCRU, é que sua experimentação filosófica “*se coloca en el impacto entre lo que podríamos denominar el fin de la filosofía posmoderna o el fin de la postmodernidad, el fin de la filosofía continental y estas nuevas filosofías.*”(PODCAST EL SABER OSCURO, 2020, p. 20), e que diante toda sua prática experimental junto às máquinas-desejantes-cibernéticas

El CCRU lo que intenta es de algún modo, descubriendo no solo que vivimos en una cultura marcada por la cibernética, sino como dice Robin Mackay en una famosa entrevista, como la cultura ya es esencialmente cibernética. Hay una recuperación de toda esta especulación en base a estas ciencias que se están desarrollando en el s.xx, la teoría de la información, de la computación, la cibernética, la inteligencia artificial –que tanto peso tienen en el CCRU–. Se intenta analizar la producción cultural desde este paradigma nuevo que está emergiendo. Entender que de algún modo, los seres humanos tienen que denunciar a la ilusión de su agencia y en lugar de eso, tratar de fundirse con ciertos flujos productivos, que es lo que ellos denominan hiperstición. Que actualizan o realizan ficciones, que producen desde los márgenes de la cultura realidades que última instancia producen efectos (PODCAST EL SABER OSCURO, 2020, p. 21)

O aceleracionismo da CCRU, logo, se sobressai de sua forma de ver a história e o mundo, sempre às margens, que podemos ver na ideia de humanidade enquanto uma ficção que tem horror à morte, ou seja, tanto rejeita uma ideia moderna da humanidade como algo natural ainda que superior à natureza, para a CCRU as infinitas possibilidades de arranjos sociais e com elas suas maneiras de ver o mundo tornam a própria ideia de humanidade inserida numa história que remonta o período Moderno, e que se faz sempre numa alteridade que exclui a diversidade e aniquila o outro.

Essa ficção humana tem obsessão e pavor da morte, característico da maneira com que o estado moderno articula sua biopolítica. Assim, a CCRU entende o Estado como um circuito fechado de retroalimentação negativa e que age como um “sistema de segurança humano”, já que almeja um equilíbrio absoluto, isto é, uma invulnerabilidade contra a morte, ao mesmo tempo que a tem como dispositivo. Esse sistema, contudo, é um inibidor do desejo (que é uma energia livre e de fuga acelerada), portanto, reacionário em relação ao desejo (que é revolucionário). O mercado, por outro lado, é percebido como um circuito aberto e de retroalimentação positiva, por ser um sistema de espalhamento e altamente corrosivo de estruturas. Porém, o mercado sofre uma intrusão viral – o capitalismo –, que arrasta suas tendências através de uma intensa fluidez tecnológica; dessa forma, o capitalismo é visto como um sistema de fluxos e conexões mutante e capaz de modificar tudo a sua volta, caminhando para uma singularidade maquínica – “como ver esse evento acontecer a partir de uma leitura obscura do “*Fragmento das Máquinas*” (Grundrisse) de Marx”(PINHEIRO, 2020, p. 144). Assim é que seu aceleracionismo é *cyberpositivo* em relação ao capital, como vemos:

(...) tal aceleracionismo carrega algo de impactante e provoca outra leitura dos textos marxistas (vide o Exergo); é como ver emergir essa imagem viral reptiliana do Capital sobre os corpos, que vão se conectando no maquinário quente e liquefeito, porém – ao invés de apelar à dialética negativa, considerada ultrapassada – postula que a única via possível de escape ao Capital é a positividade total, é a alienação dos corpos e a proletarização como forma de chamar do futuro o espectro comunista. Nos termos de Mackay e Avanessian, assemelha-se à “Skynet do Exterminador, a fantástica ‘alma virtuosa’ de Marx reconfigurou-se como um IA global maligna do futuro, cuja ficção é a única perspectiva da qual a realidade contemporânea faz sentido.” (...)(PINHEIRO, 2020, p. 144-145)

Havia um interesse na dissertação em ir além, de trabalhar o aceleracionismo de quarta onda em toda a sua diversidade, seus manifestos, simpósios e projetos políticos, mas havia, igualmente, limitações formais. Por isso a dissertação se concentrou nas segundas e terceiras ondas, para mostrar essa retroalimentação que emerge uma nova leitura de Marx e analítica da contemporaneidade, ao mesmo tempo que essa pluralidade característica destas ondas reverbera nas seguintes. Contudo, essa pluralidade também se espalha em suas características e, em certa medida, impede uma captura, não se podendo reduzir as ondas aos aspectos que mais se destacam – como se todos os textos contivessem as mesmas –;

exemplifico isso com o caso de Firestone, visto que ela retoma temáticas abandonadas pelos outros textos aceleracionistas de seu tempo, mas o mote aceleracionista está presente em seu texto e vemos também seu pensamento ser retroalimentado na quarta onda, onde também alguns fazem esse movimento de retorno à conceitos modernos e marxistas, ainda que de forma reanalisada, conceitos que são combatidos pelos demais textos aceleracionistas da década de 1970 e 1990.

E foi assim que, em uma de nossas conversas sobre a diversidade dessa corrente, Hilan sugeriu a noção de “ondas”, que caiu como luva para delimitarmos as ocorrências e que hoje em dia parecem ainda mais claras, pois uma vez que a raiz desta corrente encontra-se nos textos de Marx, é possível pensar a primeira onda inaugurada por ele, e com isto quero dizer que há em Marx esta abertura possível para uma via aceleracionista, depois na década de 1970, no “quarteto fantástico”, seguido da década de 1990, em torno das atividades da CCRU, na década de 2010, inaugurado pelos simpósios aceleracionistas, os manifestos e a cisão no espectro político entre direita e esquerda, talvez possamos adicionar hoje uma nova onda, ou um reavivamento de reflexões acerca desta corrente realizado por uma comunidade latino-americana, que se dá ao fim da década de 2010 e início da década de 2020. Isto só reafirma o quão esta corrente é rica e o quão diferentes entre si são seus pensamentos, desde a forma de conceituar o capital, a relação com a técnica, a forma de ler Marx e as propostas de saídas ao sistema econômico capitalista, mas o mote permanece.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Tiago Souza Monteiro de. *O relacionamento homoerótico na Grécia Antiga: uma prática pedagógica*. In **FACES DA HISTÓRIA**, Assis-SP, v.4, nº2, p. 58-72, Jun.-Dez., 2017.

BAUDRILLARD, J. **A Troca Simbólica e a Morte**. 1ª Ed. São Paulo/Brasil: Edições Loyola, 1996.

CCRU. **ESCRITOS DE LA UNIDAD DE INVESTIGACIÓN DE CULTURA CIBERNÉTICA:1997 - 2003**. 1ªed. [S. l.: s. n.], 2020.

CCRU. CCRU [web page]. Disponível em:
[http://www.ccru.net/id\(entity\)/communiquetwo.htm](http://www.ccru.net/id(entity)/communiquetwo.htm)

- DANOWSKI, D.; CASTRO, E. B. V. de. **Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins**. 1ª Ed. Florianópolis/Brasil: Cultura e Barbárie, 2014.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia**. 1ª Ed. Rio de Janeiro/Brasil: Editora 34, 2010.
- FEDERICI, S. **Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. 1ª Ed. São Paulo/Brasil: Editora Elefante, 2017.
- FIRESTONE, S. **A Dialética do Sexo: Um estudo da revolução feminista**. 1ªed. Rio de Janeiro: Coleção de Bolso, Editorial Labor do Brasil, 1996.
- FISHER, M. **Postcapitalist Desire: The Final Lectures**. 1ª Ed. London/UK: Repeater Books, 2020.
- _____. Blog K-Punk [web page]. Disponível em: <http://k-punk.abstractdynamics.org/archives/004807.html>
- GALLO, S.; CARVALHO, A. F. de. Lutas Democráticas contra O Urstaat: O que pode fazer a educação?. **TD-Educação Temática Digital**, [s. l.], v. 21, n. 3, p. 549–567, 2019.
- HESTER, H. **Xenofeminism**. 1ªed. Cambridge/UK: Polity Press, 2018.
- LYOTARD, J.-F. **Economía libidinal**. 1ª Ed. Buenos Aires/México: Fondo de Cultura Economica, 1990.
- MACKAY, R. A. A. **#ACCELERATE#:The Accelerate Reader**. 1ªed. Falmouth/UK: URBANOMIC, 2014.
- MARIGUELA, Márcio. BANDA DE MÖBIUS. [web page]. Disponível em: <https://marciomariguela.com.br/banda-de-mobius/>
- MARX, K. **A Dominação Britânica na Índia**. [S. l.], 1953. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1853/06/10.htm>
- MIGALHAS. CONAR abre processo ético contra Volks por imagem de Elis em comercial. MIGALHAS, 11 de julho de 2023. Disponível em: <https://www.migalhas.com.br/quentes/389733/conar-abre-processo-etico-contra-volks-por-imagem-de-elis-em-comercial>

NOYS, B. **Malign Velocities - Accelerationism and Capitalism**. 1ª Ed. Winchester/UK: Zero Books, 2014.

_____. **The Persistence of the Negative - A Critique of Contemporary Continental Theory**. 1ª Ed. Edinburgh/UK: Edinburgh University Press Ltd., 2010.

_____. *Georges Bataille: A Critical Introduction*. London/UK: Pluto Press, 2000.

PINHEIRO, D. B. **O Domínio de Tamerlão: os efeitos dos presságios aceleracionistas em Marx**. 2020. Dissertação de Mestrado - Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

PODCAST EL SABER OSCURO. Ed. **Materia Oscura: David Wiehls Abraham Cordero Editorial de literatura y filosofía, Madrid**. [S. l.]: Radio Bellas Artes, 2020.

TIBLE, Jean. *Marx Selvagem*. São Paulo: Annablume, 2013.